

Antroponímia em Libras: análise dos sinais-nome de surdos e surdas participantes dos Inventários de Libras

Anthroponymy in Libras: analysis of the name-signs of deaf men and women participating in the Libras Inventories

João Carlos Paiva Xavier * 

Alexandre Melo de Sousa ** 

RESUMO: Este artigo vincula-se ao campo da Antroponímia em Libras e constitui um recorte e desdobramento de uma pesquisa de mestrado maior: Xavier (2025). O objetivo geral é analisar a distribuição quantitativa e os aspectos motivacionais dos locais de realização dos sinais-nome, investigando as relações entre visualidade, referenciação e construção identitária. Caracterizada como uma pesquisa predominantemente quantitativa, mas voltada à interpretação qualitativa dos dados, a investigação utiliza os dados dos Inventários da Libras: Surdos de Referência, Florianópolis, Maceió, Palmas, Fortaleza, Rio Branco e Brasília. O referencial teórico toma como base: Sousa (2022; 2024), McKee e McKee (2000), Börstell (2017), Petitta *et al.* (2018) e Prazmo (2025). Na pesquisa matriz, foram identificados 207 sinais-nome utilizados por pessoas surdas, dos quais a análise revelou uma forte concentração na região da cabeça e da face, correspondendo a 171 ocorrências (consideradas no presente estudo). Os resultados estatísticos indicam assimetrias de gênero na distribuição global: na amostra masculina, predominam as regiões Superior (22,54%) e Inferior (21,13%), enquanto na feminina a Região do Cabelo predomina com 29,67%. Na análise estratificada por subgrupos, observou-se uma variação significativa, marcada pela proeminência focal da Região do Queixo no Grupo 3 masculino (29,41%) e por uma pulverização multizona equitativa (11,11%) entre as mulheres do mesmo grupo. Em contrapartida, áreas periféricas como a Região da Orelha mantiveram-se estatisticamente residuais em ambos os sexos, registrando índices inferiores a 3%. Conclui-se que a predominância de sinais realizados na face e na cabeça reflete uma estratégia cognitiva e cultural de eficiência referencial, consolidando as referidas regiões corporais como espaços linguísticos de significação e afirmação identitária nas culturas surdas.

PALAVRAS-CHAVE: Antroponímia. Sinais-nome. Libras. Visualidade. Identidade.

ABSTRACT: This article belongs to the field of Anthroponymy in Libras (Brazilian Sign Language) and constitutes an excerpt and development of a larger master's research project: Xavier (2025). The general objective is to analyze the quantitative distribution and

* Mestre em Linguística e Literatura pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Tradutor e Intérprete de Libras na Universidade Federal do Acre (UFAC). Maceió, AL – Brasil. joão.xavier@fale.ufal.br

** Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Titular da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Maceió, AL – Brasil. alexandre.sousa@fale.ufal.br

motivational aspects of the locations where sign-names are produced, investigating the relationships between visibility, referencing, and identity construction. Characterized as predominantly quantitative research but focused on the qualitative interpretation of data, the investigation utilizes data from the *Inventários da Libras: Surdos de Referência* (Libras Inventories: Reference Deaf Individuals) from Florianópolis, Maceió, Palmas, Fortaleza, Rio Branco, and Brasília. The theoretical framework is based on: Sousa (2022; 2024), McKee and McKee (2000), Börstell (2017), Petitta et al. (2018), and Prażmo (2025). In the parent study, 207 sign-names used by deaf people were identified, from which the analysis revealed a strong concentration in the head and face region, corresponding to 171 occurrences (considered in the present study). Statistical results indicate gender asymmetries in the global distribution: in the male sample, the Superior (22.54%) and Inferior (21.13%) regions predominate, while in the female sample, the Hair Region predominates with 29.67%. In the analysis stratified by subgroups, a significant variation was observed, marked by the focal prominence of the Chin Region in male Group 3 (29.41%) and by an equitable multizonal dispersion (11.11%) among women in the same group. In contrast, peripheral areas such as the Ear Region remained statistically residual in both sexes, recording rates below 3%. It is concluded that the predominance of signs produced on the face and head reflects a cognitive and cultural strategy of referential efficiency, consolidating these bodily regions as linguistic spaces of meaning and identity affirmation in deaf culture.

KEYWORDS: Anthroponymy. Sign-names. Libras. Visibility. Identity.

1. Introdução

A investigação das práticas de nomeação entre os povos surdos apresenta um campo de reflexão para os estudos linguísticos. Longe de se configurarem como traduções literais do sistema onomástico das línguas orais, os sinais-nome constituem manifestações culturais, atreladas à experiência visual e à dinâmica identitária dos sujeitos surdos. O presente artigo¹ filia-se a essa vertente de análise, configurando-se como um recorte e um desdobramento de um estudo mais amplo desenvolvido em nível de mestrado: Xavier (2025).

O objetivo central desta investigação consiste em analisar a distribuição quantitativa e os aspectos motivacionais dos locais de realização dos sinais-nome

¹ Os autores declaram que as ferramentas de Inteligência Artificial ChatGPT (OpenAI) e Gemini (Google) foram utilizadas exclusivamente para a revisão estilística e gramatical de trechos do texto, formatação de tabelas e reestruturação lexical. Ressalta-se que a concepção teórica, a proposta metodológica, a análise dos dados e as conclusões apresentadas neste artigo são de autoria e responsabilidade exclusivas dos pesquisadores.

utilizados por pessoas surdas participantes dos Inventários da Libras: Surdos de Referência (diversas cidades brasileiras), Florianópolis (SC), Maceió (AL), Palmas (TO), Fortaleza (CE), Rio Branco (AC) e Brasília (DF). Por meio desse mapeamento, busca-se compreender as possíveis relações entre visualidade, referenciação e construção identitária nas práticas antroponímicas que estruturam os povos surdos brasileiros. Essa abordagem se justifica pela necessidade de analisar detalhadamente o corpo como espaço de significação para a criação dos sinais-nome.

A análise do léxico onomástico vai além da descrição formal e exige um olhar integrado. Como destacam Seabra e Isquerdo (2018), a Onomástica é interdisciplinar, pois os nomes próprios envolvem aspectos históricos, geográficos, antropológicos, culturais e identitários. Assim, compreender um item onomástico exige examinar tanto a sua estrutura linguística quanto o contexto socio-histórico e as motivações culturais de seu surgimento e circulação. Esse entendimento é fundamental nos estudos onomásticos aplicados à Língua Brasileira de Sinais (Libras). Nessa modalidade de língua (espaço-visual), os processos de nomeação conectam elementos linguísticos, expressividade corporal, percepção visual e as culturas surdas. O corpo, especialmente a face, deixa de ser apenas o suporte físico da produção do sinal e passa a atuar como um espaço de construção de significado.

Este artigo divide-se, além desta introdução, em duas seções dedicadas aos pressupostos teóricos que fundamentam a Antroponímia sinalizada e as relações entre sinal-nome, culturas surdas e identidades visuais; uma descrição dos caminhos metodológicos ancorados nos dados selecionados nos Inventários da Libras; a análise e discussão dos dados estatísticos divididos por gênero e grupos; e, por fim, as considerações finais, que sintetizam as contribuições do estudo para o campo da Onomástica e da linguística das línguas de sinais.

2. Onomástica, Antroponímia e Libras

No âmbito da Linguística, a Onomástica constitui um campo de investigação dedicado ao estudo dos nomes próprios em suas múltiplas manifestações (Dick, 1990). Conforme destacam Amaral e Seide (2020), trata-se de uma área ampla, cujas investigações abrangem diferentes categorias de nomeação, como nomes de pessoas, lugares, marcas, fenômenos naturais e produções culturais. A Onomástica envolve a compreensão das práticas sociais, históricas e culturais que se refletem nos processos de nomeação (Sousa, 2022; 2023).

Sousa e Dargel (2020) ressaltam que a Onomástica se caracteriza por forte interdisciplinaridade, uma vez que os nomes próprios são atravessados por aspectos históricos, geográficos, antropológicos, culturais e identitários. Compreender um item lexical onomástico implica analisar sua estrutura linguística e os contextos sociais e culturais que motivaram sua criação e circulação. Esse entendimento é fundamental quando pensamos nos estudos onomásticos em Libras, nos quais os processos de nomeação articulam aspectos linguísticos, visuais, corporais e culturais. Sousa *et al.* (no prelo) apresentam a seguinte imagem para demonstrar as articulações entre as diferentes subáreas da onomástica e as especificidades relacionadas às nomeações próprias em Libras.

Figura 1: Onomástica em Libras



Fonte: Sousa *et al.* (2026).

Sousa (2023) afirma que os estudos dos diferentes campos da Onomástica – Antroponímia (estudos dos nomes próprios de pessoas), Toponímia (estudo dos nomes próprios de lugares), Teonímia (estudo dos nomes próprios de deuses e divindades de diferentes religiões), Zoonímia (estudo dos nomes próprios de animais) entre outras – devem ser considerados, no caso das línguas de sinais (como a Libras), aspectos referentes às especificidades linguísticas próprias das línguas de modalidade visual-espacial, as experiências surdas, as culturas surdas, os contatos sociais entre surdos e ouvintes e o contato linguístico Libras-português escrito. Todos esses fatores interferem na constituição dos nomes próprios em Libras

Ao discutir os nomes próprios, Martins (1991, p. 55) afirma que:

[O nome próprio] é reconhecido na linguística moderna como sendo o portador e exemplo maior da função de referência da linguagem. Ou seja, desta capacidade de enviar diretamente a um objeto em especial, um determinado corpo, na realidade objetiva concreta. [...] o nome, além de enviar ao objeto, de identificá-lo, ele o significa.

Carvalhinhos (2007, p. 17) argumenta que “o nome próprio é muito mais que um mero identificador ou uma etiqueta”, se constituindo como importante chave de compreensão das sociedades que o produzem e utilizam. O nome próprio, portanto, atua simultaneamente como mecanismo de referência, marcador identitário e construção sociocultural.

No caso específico da Antroponímia, subárea da Onomástica voltada aos nomes de pessoas, a atribuição de um nome configura-se como prática universal. Amaral (2025, p. 21) afirma que “a atribuição de um antropônimo a uma pessoa é um fenômeno universal, uma prática que se observa em todas as sociedades conhecidas”, acrescentando que “na esfera das relações humanas é impensável imaginar alguém sem nome”. Para a autora, o antropônimo desempenha papel central na comunicação humana ao permitir “nomear, referir, interpelar o outro, distinguindo-o dos demais”.

Embora os estudos antroponímicos tenham sido tradicionalmente desenvolvidos a partir de línguas orais-auditivas, pesquisas recentes vêm ampliando

esse escopo para contemplar línguas de modalidade visual-espacial, como a Libras, a American Sign Language (ASL), a Língua de Sinais Mexicana (LSM), a Swedish Sign Language (SSL) e outras línguas de sinais. Sousa (2022; 2023) ressalta que a investigação onomástica em Libras exige a consideração das especificidades gramaticais dessas línguas, bem como marcadores culturais e identitários dos povos surdos.

Vale ressaltar que as línguas de sinais se organizam a partir de parâmetros visuais e corporais, envolvendo configuração de mão, movimento, orientação, expressões não manuais e localização espacial (Quadros, 2019). Os processos de nomeação em línguas sinalizadas diferem substancialmente daqueles observados em línguas orais, pois o corpo do sinalizante participa diretamente da constituição semântica do sinal-nome. A observação desse aspecto é importante para investigações sobre os locais de articulação utilizados nos sinais-nome, sobretudo quando se observa quantitativamente a recorrência de determinadas regiões corporais.

3. Sinais-nome, culturas surdas e identidades visuais

Os sinais-nome constituem uma das práticas culturais mais marcantes dos povos surdos (Sousa, Xavier e Quadros, 2025). Conceitualmente, o sinal-nome funciona como o nome próprio em língua de sinais, atuando como um identificador, referente e individualizador linguístico e cultural de um sujeito (Supalla, 1992). Diferentemente dos nomes civis, geralmente atribuídos por familiares ouvintes, os sinais-nome emergem, em grande parte, das interações sociais estabelecidas no interior das comunidades surdas, no contato surdo-surdo. Assim, o sinal-nome não apenas identifica um indivíduo. Ele marca pertencimento, reconhecimento e inserção social (Shunchiu; Jingxian, 1989; Barros, 2018; Menezes, 2021).

McKee e McKee (2000), ao investigarem sinais-nome na Língua de Sinais da Nova Zelândia (NZSL) e na Auslan, destacam que os sinais-nome funcionam como importantes marcadores identitários dentro das comunidades surdas. Segundo os

autores, possuir um sinal-nome representa reconhecimento como membro efetivo da comunidade, reforçando vínculos sociais e históricos compartilhados. McKee e McKee (2000) observam, ainda, que os sinais-nome são criados em contextos de convivência e proximidade social, frequentemente em ambientes escolares surdos, onde se consolidam redes próprias de interação cultural.

Essa compreensão aproxima-se das discussões apresentadas por Prażmo (2025) sobre os sinais-nome no contexto da cultura surda polonesa. A autora explica que os sinais-nome constituem um dos elementos mais característicos da cultura surda, funcionando como mecanismo de reconhecimento social dentro do chamado “mundo surdo”. Receber um sinal-nome, segundo a pesquisadora, significa um processo de aceitação e visibilidade dentro do grupo surdo.

Pražmo (2025) também diz que “ser nomeado” no contexto das pessoas surdas significa ser reconhecido pelo grupo. Assim, a atribuição do sinal-nome não é uma decisão individual. Trata-se de um processo coletivo de observação, convivência e interação social. O sinal-nome é resultado de práticas culturais compartilhadas e de formas específicas de percepção visual do outro. Essa mesma percepção foi destacada por Supalla (1992), Sousa et al. (2021) e Menezes e Sousa (2021).

Na pesquisa sobre a Língua de Sinais Mexicana (LSM), Cruz-Aldrete e González Muciño (2022) também destacam que o sinal-nome representa identidade e pertencimento comunitário. Segundo os autores, trata-se de um sinal atribuído por membros da própria comunidade surda e que implica simultaneamente aceitação e reconhecimento social. Os autores identificam três grandes processos de formação dos sinais-nome na LSM: sinais motivados por características físicas ou comportamentais; sinais herdados ou articulatoriamente relacionados à família; e sinais modificados ao longo do tempo. Tal classificação mostra que a motivação visual constitui principal elemento na criação dos sinais-nome em diferentes comunidades surdas ao redor do mundo.

Börstell (2017), ao analisar 737 sinais-nome na Língua de Sinais Sueca (SSL), verificou forte predominância de sinais motivados por características físicas e comportamentais. O autor observou que a maioria dos sinais-nome pesquisados descrevem visualmente aspectos da aparência do indivíduo, como cabelo, olhos, nariz, formato do rosto ou expressões faciais. No estudo de Barros (2018), os aspectos visuais dos nomeados foram preponderantes em relação a outros aspectos motivadores, como o comportamental e o social.

Os dados apresentados são muito importantes para o presente estudo, pois sugerem que a visualidade desempenha papel importante nos processos antroponímicos em línguas de sinais. A face e a cabeça, enquanto regiões visualmente salientes do corpo humano, parecem concentrar elementos de identificação social e perceptiva.

A modalidade visual-espacial das diferentes línguas de sinais implica que os processos de referenciação e identificação ocorram a partir de estratégias perceptivas distintas das observadas em línguas orais. Para as pessoas surdas, a experiência visual é imprescindível nas interações e das relações sociais. O rosto, os olhos e as expressões faciais, possivelmente pelo campo de visão mais direto, são fundamentais para a identificação dos sujeitos.

Os sinais-nome frequentemente recorrem a traços visualmente marcantes da face e da cabeça para construir referenciação eficiente e distintiva. Börstell (2017) explica que sinais motivados pela aparência física representam uma das categorias mais recorrentes na SSL, envolvendo frequentemente cabelo, formato facial, olhos, barba e outros elementos visuais facilmente perceptíveis.

McKee e McKee (2000) afirmam que os sinais-nome se desenvolvem como alternativas visuais aos nomes orais, justamente porque as pessoas surdas experienciam o mundo prioritariamente pela visão. Assim, pessoas e identidades passam a ser codificadas visualmente, criando a necessidade de sistemas próprios de nomeação sinalizada.

Petitta et al. (2018), ao discutirem sinais-nome em comunidades surdas, observam que há restrições culturais e fonológicas relacionadas aos locais do corpo utilizados para a realização desses sinais. Segundo os autores, os sinais-nome frequentemente utilizam regiões como face, cabeça, tronco e espaço neutro ao redor do corpo. Para o nosso estudo essa observação é importante, pois permite compreender que os locais articulatórios dos sinais-nome não são cultural e linguisticamente motivados.

4. O Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais e os projetos locais

O mapeamento da diversidade linguística e sociocultural dos povos surdos brasileiros ganhou destaque com a criação do Inventário Nacional de Libras. De acordo com Quadros et al. (2020), o objetivo central dessa iniciativa é documentar e analisar as especificidades sociolinguísticas da Libras em diferentes regiões metropolitanas do país, a partir da constituição de um *corpus* que seja estatisticamente e culturalmente representativo de cada localidade. Para que os dados permitam comparações interregionais confiáveis, os autores reforçam a necessidade de que os procedimentos metodológicos sejam padronizados e rigorosamente replicados em todos os polos de pesquisa.

4.1. Constituição da Equipe e Critérios de Seleção

A estrutura humana necessária para a execução do inventário em cada microrregião pressupõe uma articulação coletiva bem definida. Conforme apontam Quadros et al. (2020), a equipe local de pesquisa deve ser composta por:

- a) **Um professor pesquisador:** necessariamente vinculado à Instituição de Ensino Superior (IES) que sedia o projeto;
- b) **Um pesquisador local surdo:** que atue como uma liderança reconhecida e legítima dentro daquela comunidade surda específica;

- c) **36 colaboradores surdos (informantes)**: selecionados na região de abrangência da universidade, os quais participam das gravações dispostos em duplas, totalizando 18 sessões de entrevista.

Para garantir a legitimidade dos dados, o pesquisador surdo local precisa cumprir requisitos específicos, tais como ser nativo da capital estudada ou residir e conviver na comunidade surda daquela região há pelo menos uma década. Ademais, Quadros et al. (2020) destacam a importância de esse profissional possuir um perfil comunicativo articulado e extrovertido (com preferência para formação acadêmica em nível de graduação ou pós-graduação), além de domínio tecnológico básico em computadores e internet para o suporte diário das atividades.

Do mesmo modo, o grupo de 36 participantes deve obedecer a critérios sociolinguísticos rígidos de amostragem. É mandatório que os informantes residam na capital ou nela vivam há pelo menos 10 anos, apresentando aquisição da Libras até os 7 anos de idade (período pré-escolar), tempo de exposição mínimo de 7 anos ou, alternativamente, proficiência linguística validada pela própria comunidade local (Quadros et al, 2020).

Para favorecer a naturalidade da sinalização, as duplas gravadas devem possuir vínculos de intimidade (como amigos ou familiares), preferencialmente compartilhando o mesmo gênero e faixa etária. O desenho amostral também exige diversidade demográfica, buscando equilibrar homens e mulheres distribuídos em três cortes geracionais — Grupo 1 (de 18 a 29 anos), Grupo 2 (entre 30 e 49 anos) e Grupo 3 (a partir de 50 anos) —, além de contemplar diferentes níveis de escolaridade, desde o ensino fundamental até o ensino superior completo (Quadros et al., 2020).

4.2. Infraestrutura Técnica e Configuração do Estúdio

A captação visual dos dados linguísticos exige um rigor técnico que assegure a qualidade das análises posteriores. O ambiente de estúdio é projetado com quatro câmeras de vídeo para registrar os colaboradores sob múltiplos ângulos. Essa

configuração é vital, pois, como bem elucidada Leite (2008), permite o exame minucioso tanto dos articuladores manuais quanto dos não manuais (expressões faciais e corporais) inseridos em contextos reais de diálogo. Para otimizar a captação, utilizam-se fundos em tecido de lycra e sistemas de iluminação posicionados estrategicamente para destacar os sinalizadores sem gerar sombras distorcivas.

A disposição do maquinário audiovisual varia conforme a natureza da interação proposta. Nas palavras de Quadros et al. (2020, p. 5462), o posicionamento das câmeras obedece a arranjos espaciais previamente testados, os quais se alteram “de acordo com a atividade que está sendo gravada (eliciação individual vs., conversação livre)”. Dentro desse desenho técnico, os autores reforçam que são indispensáveis duas capturas simultâneas: “uma tomada com foco no rosto do sinalizador e uma tomada com foco no espaço de sinalização mais geral” (Quadros et al., 2020, p. 5462).

4.3. Protocolo de Atividades da Coleta de Dados

As sessões de gravação possuem duração aproximada de duas horas por dupla e são organizadas em um protocolo de cinco etapas sucessivas, combinando tarefas de produção livre e direcionada (Quadros et al., 2023, p. 110-111):

- a. Uma atividade inicial de descontração e entrevista de vida (30 minutos): por meio de uma entrevista semiestruturada e semiaberta, o pesquisador buscará eliciar do participante relatos pessoais, envolvendo questões tais como a história do seu sinal, a sua história de aquisição da Libras e de participação na vida da Comunidade Surda local, a sua relação com a Língua Portuguesa e a Libras, em termos de usos e atitudes, o(s) acontecimento(s) de maior impacto em sua vida particular e suas aspirações pessoais e profissionais;
- b. Uma atividade de eliciação de narrativas (20 minutos): o informante irá recontar três narrativas que já foram utilizadas em diversos estudos linguísticos e, portanto, poderão ser utilizadas em pesquisas comparativas com outras línguas orais e Línguas de Sinais: a *Pear Story*; a *Frog, where are you?*; e a *Canary Row*, de Tweety & Sylvester;

c. Um intervalo de 20 minutos para descanso;

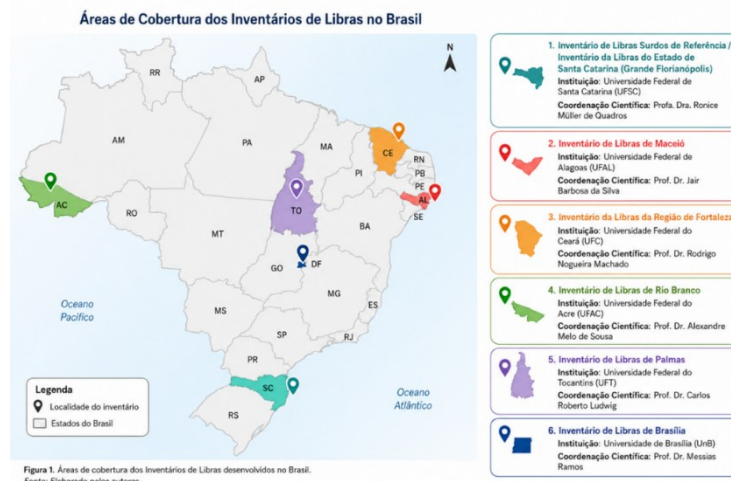
d. Uma atividade de eliciação gramatical e lexical (30 minutos): o participante será apresentado a estímulos criados especificamente para a eliciação de construções gramaticais e itens lexicais da Libras, que foram adaptados do projeto de *corpus* da Língua Sinais alemã (Nishio et al., 2010);

e. Uma conversaão (até 20 minutos): a dupla será deixada a sós no estúdio para conversar, ou de forma livre ou sobre um tema do cotidiano a ser oferecido pelo pesquisador como estratégia de estímulo.

4.4. Panorama dos Projetos no Território Nacional

O desenho metodológico proposto por Quadros et al. (2020) tem sido progressivamente descentralizado, resultando na criação de inventários regionais consolidados e em andamento por todo o Brasil. Atualmente, a rede de pesquisa conta com os sete projetos já estabelecidos (concluídos ou em etapas de finalização) e alguns projetos que já iniciaram constituição de equipes de pesquisa, treinamentos (formações). Na imagem a seguir podemos visualizar os sete projetos com suas sedes e os coordenadores/as responsáveis.

Figura 2: Inventários de Libras



Fonte: Produzido pelo ChatGPT (2026).

Expandindo as fronteiras do mapeamento linguístico nacional, novas frentes de pesquisa científica encontram-se em fase de planejamento e implantação inicial. Esse movimento de expansão engloba as capitais do Rio de Janeiro (RJ), Porto Alegre (RS), Recife (PE) e a cidade de Pelotas (RS), ampliando a capilaridade do *corpus* nacional da Libras.

5. Percurso metodológico

O presente artigo constitui um recorte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida em nível de Mestrado, Xavier (2026, dedicada à investigação dos sinais-nome em Língua Brasileira de Sinais (Libras) no contexto dos Inventários Linguísticos da Libras. Neste estudo, o foco recai especificamente sobre os locais de realização dos sinais-nome atribuídos a pessoas surdas, com ênfase na predominância de articulações realizadas na região da cabeça e da face.

O objetivo central da investigação, como dito anteriormente, consiste em analisar a distribuição quantitativa e os aspectos motivacionais dos locais de realização dos sinais-nome utilizados por pessoas surdas participantes dos Inventários da Libras, buscando compreender as possíveis relações entre visualidade, referenciação e construção identitária nas práticas antroponímicas das comunidades surdas.

O corpus foi constituído a partir de dados secundários oriundos da *Plataforma Corpus Libras* (<https://corpuslibras.ufsc.br/>) vinculada à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Foram selecionados dados pertencentes ao segmento denominado Surdos de Referência (participantes de diferentes cidades brasileiras) e aos inventários regionais específicos de Florianópolis (SC), Maceió (AL), Palmas (TO), Rio Branco (AC), Fortaleza (CE) e Brasília (DF). A escolha desses inventários justifica-se pela disponibilidade de entrevistas sociolinguísticas sistematizadas, abrangendo diferentes regiões do país e distintas trajetórias linguísticas e culturais de pessoas surdas.

O quantitativo de entrevistas selecionadas encontra-se sistematizado no Quadro 1.

Quadro 1: Quantitativo de entrevistas realizadas e dados selecionados

Inventário	Entrevistas realizadas	Dados selecionados
Surdos de referência	15	15
Rio Branco (AC)	36	37
Florianópolis (SC)	35	36
Palmas (TO)	13	13
Maceió (AL)	24	24
Fortaleza (CE)	44	44
Brasília (DF)	38	38

Fonte: Xavier (2025).

O recorte quantitativo apresentado decorre da disponibilidade técnica dos materiais no momento da coleta, considerando critérios de acessibilidade aos vídeos, qualidade imagética e presença explícita de informações sobre os sinais-nome dos participantes (Gil, 2008).

A seleção do material concentrou-se na seção intitulada “Entrevista de Vida”, considerando seu potencial para os estudos onomásticos em Libras. As narrativas biográficas presentes nesse eixo temático possibilitam o acesso a informações relevantes acerca da trajetória linguística dos participantes, especialmente no que se refere ao processo de aquisição da Libras, à inserção na comunidade surda e, sobretudo, à origem, ao significado e às possíveis alterações dos sinais-nome ao longo da vida.

Na pesquisa matriz, foram identificados 207 sinais-nome utilizados por pessoas surdas. A análise preliminar revelou forte concentração de sinais realizados na região da cabeça e da face, correspondendo a 171 ocorrências (79 homens e 92 mulheres), isto é, 82,61% do total analisado. Os demais sinais distribuíram-se entre espaço neutro (4,83%), braço (2,90%), ombro (2,42%), antebraço (2,42%), dorso da mão (1,45%), tórax (1,45%), cotovelo (0,48%), punho (0,48%), abdômen (0,48%) e joelho (0,48%).

Considerando a expressividade quantitativa dos sinais articulados na região da cabeça e da face, o presente artigo delimita sua análise exclusivamente aos 171 sinais-

nome realizados nessas regiões corporais. Tal recorte fundamenta-se na hipótese de que a predominância desses locais articulatórios se relaciona às especificidades perceptivas e culturais das comunidades surdas, nas quais a experiência visual ocupa posição central nos processos interacionais e identitários (Quadros, 2019; Sousa, 2024).

Metodologicamente, os sinais-nome foram inicialmente catalogados e classificados conforme o local primário de realização. Posteriormente, realizou-se uma análise quantitativa de frequência, buscando identificar os pontos articulatórios mais recorrentes na região da cabeça e da face, tais como testa, olhos, sobrancelhas, bochechas, nariz, boca, queixo e cabelo. A análise estatística descritiva permitiu observar padrões de recorrência e concentração articulatória.

Entretanto, a investigação não se restringe à dimensão quantitativa. Os dados serão interpretados qualitativamente (Gil, 2008) à luz dos Estudos Onomásticos em línguas de sinais e das discussões sobre visualidade e cultura surda. Nesse sentido, a predominância da região da face e da cabeça será articulada às contribuições de autores como McKee e McKee (2000), Börstell (2017), Petitta et al. (2018) e Pražmo (2025), cujos estudos demonstram que os sinais-nome frequentemente se baseiam em características físicas visualmente salientes e socialmente distintivas.

Além disso, a análise dialoga com os pressupostos teóricos da Antroponímia em Libras (Barros, 2018; Sousa, 2022; 2024; Xavier, 2025), considerando que os sinais-nome constituem formas de referência culturalmente motivadas e relacionadas às experiências visuais das pessoas surdas. Parte-se da compreensão de que o rosto representa um importante campo de focalização visual nas interações em Libras (e outras línguas de sinais), tornando-se espaço privilegiado para a construção de marcas identitárias e mecanismos de reconhecimento social.

6. Resultados e discussões

A criação de sinais-nome nas comunidades surdas é um fenômeno linguístico e cultural que vai além da simples função de nomear. Como apontam McKee e McKee

(2000), o sinal-nome funciona como um marcador social de inserção e pertencimento a um grupo linguístico minoritário, situando-se entre a identidade individual e a coletiva.

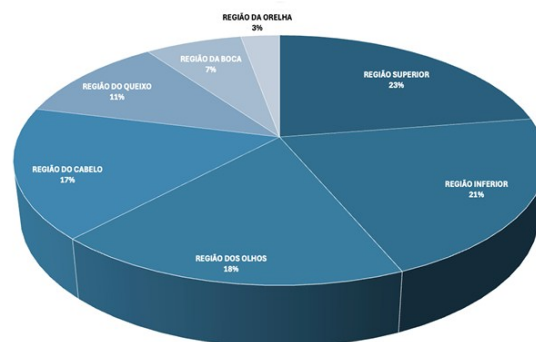
No cenário brasileiro, mapear onde esses sinais são articulados no corpo, a partir dos dados dos Inventários da Libras, ajuda a compreender as estratégias de identificação criadas pela experiência visual surda. Assim, o sinal-nome resulta de práticas culturais compartilhadas e da percepção visual do outro.

Essa percepção também foi destacada por Supalla (1992), Sousa et al. (2021) e Menezes e Sousa (2021), que reforçam como o corpo (principalmente a face) funciona como um espaço em que características físicas, comportamentais, sociais e identitárias são selecionadas e transformadas em sinais linguísticos.

6.1. Panorama Geral da Distribuição Facial dos Sinais-Nome

Ao analisarmos a distribuição quantitativa global dos locais de articulação dos sinais-nome, observa-se uma nítida concentração na porção superior da face e nas regiões ligadas à alta visibilidade comunicativa. Na ordem, a imagem a seguir mostra os percentuais dos homens.

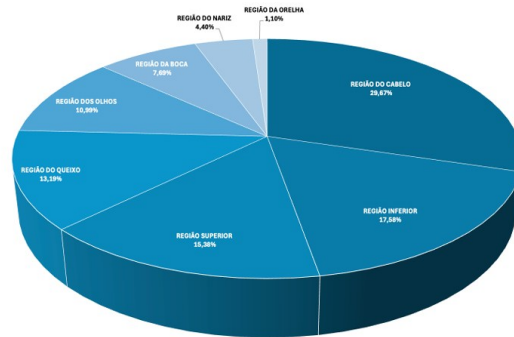
Figura 3: Distribuição quantitativa global (Homens)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Em seguida, a Figura 3 mostra os percentuais globais em relação às mulheres surdas participantes dos inventários analisados.

Figura 4: Distribuição quantitativa global (Mulheres)



Fonte: Elaborado pelos autores

Os dados globais revelam assimetrias quando segmentados por gênero. Na amostra masculina, a Região Superior (22,54%) e a Região Inferior (21,13%) exercem maior dominância, seguidas de perto pela Região dos Olhos (18,31%) e Região do Cabelo (16,90%). Já na amostra feminina, a Região do Cabelo apareceu como o principal lócus de articulação, representando 29,67% do total, seguida pela Região Inferior (17,58%) e Região Superior (15,38%).

A grande frequência na face e no topo da cabeça acompanha as tendências mundiais apontadas por Börstell (2017) na Língua de Sinais Sueca, em que o olhar e a atenção de quem conversa focam na região dos olhos e na parte superior do rosto. A explicação para o cabelo destacar-se entre as mulheres e as regiões superior e inferior entre os homens envolve fatores culturais e características físicas. O cabelo feminino, marcado por mudanças de corte, tamanho e acessórios, torna-se um elemento visual prático para a criação dos sinais. Já a variação facial dos homens costuma ligar-se a traços como barba, formato do queixo, calvície ou marcas de expressão na testa.

Por outro lado, áreas periféricas como a orelha têm os menores índices em ambos os sexos (2,82% para homens e 1,10% para mulheres). Segundo Petitta (2018), em estudos sobre nomes em ASL, regiões que exigem mover a mão para a lateral extrema da cabeça diminuem a agilidade do sinal e prejudicam o contato visual direto (olho no olho), o que justifica por que aparecem tão pouco nas pesquisas de nomes sinalizados. Em anexo, apresentamos exemplos dos sinais-nome de cada uma das regiões de produção (cabeça e face) são indicados por grupos (1, 2 e 3): a imagem do sinal-nome e o link para visualização da produção dos antropônimos.

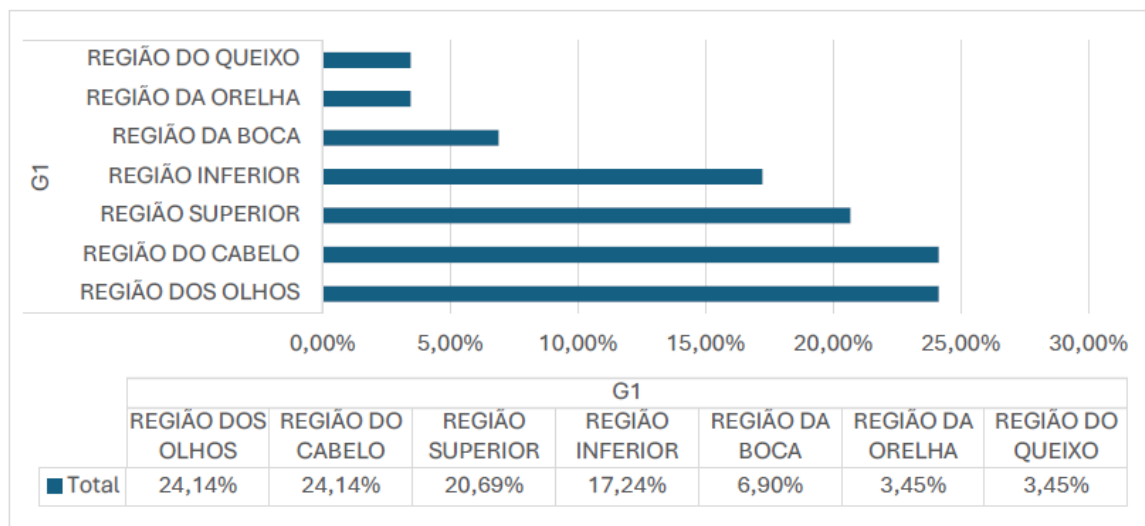
6.2. Análise Estratificada por Grupos: Variações e Motivações Antroponímicas

A análise detalhada dos subgrupos (G1, G2 e G3) mostra variações que revelam como a identificação e a cultura ocorrem em pequenos grupos em os povos surdos.

6.2.1. Análise de Grupo 1 (G1)

No Grupo 1 de homens, a Região dos Olhos e a Região do Cabelo dividem a liderança de forma simétrica, com 24,14% cada, enquanto a Região do Queixo e da Orelha somam 3,45% dos dados analisados – como podemos observar a seguir.

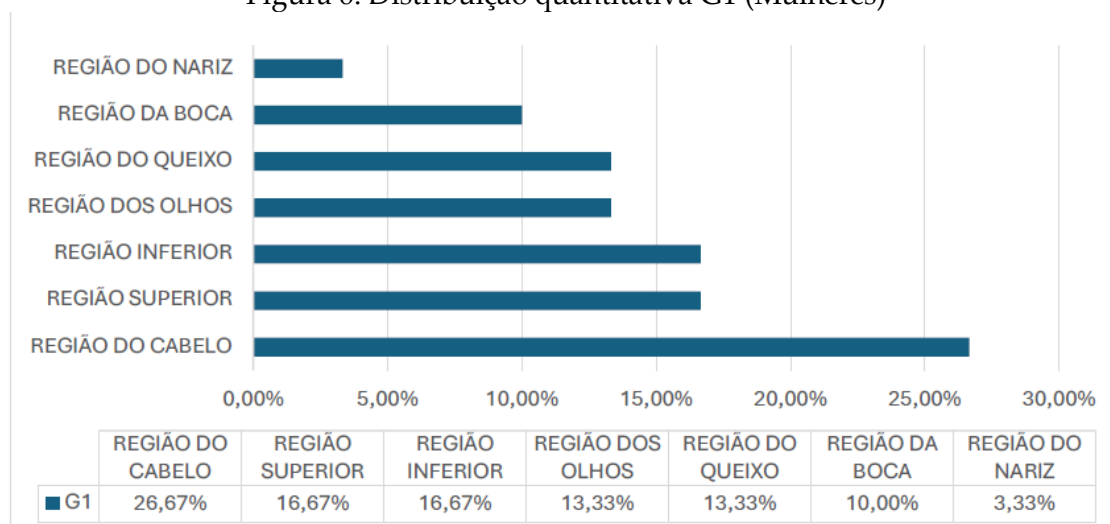
Figura 5: Distribuição quantitativa G1 (Homens)



Fonte: Elaborado pelos autores.

No G1 feminino, a Região do Cabelo também foi predominante com 26,67%, contudo a Região Superior e a Região Inferior aparecem empatadas com 16,67%. Nota-se aqui o surgimento da Região do Nariz (3,33%), ausente no grupo masculino. A figura 5 apresenta essa distribuição.

Figura 6: Distribuição quantitativa G1 (Mulheres)



Fonte: Elaborado pelos autores.

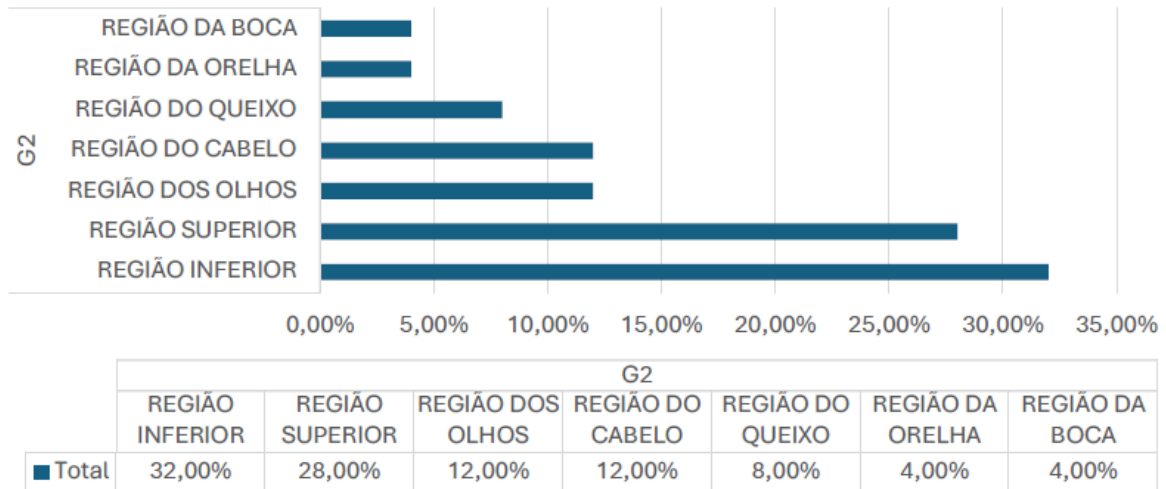
Essa configuração reforça o estudo de Cruz-Aldrete e González Muciño (2022) sobre a Língua de Sinais Mexicana, no qual a identidade e o pertencimento se ligam à fixação de marcas físicas marcantes. Os olhos são a base da expressividade na comunicação sinalizada; notar que quase um quarto dos sinais-nome masculinos se concentra nessa zona (G1) mostra a importância linguística do contato visual e de traços dos olhos (como formatos e uso de óculos). Já no grupo feminino (G1), o equilíbrio entre as regiões superior e inferior aponta para uma percepção global do rosto, englobando o cabelo e traços gerais da face.

6.2.2 Análise do Grupo 2 (G2)

Ao observarmos o Grupo 2, os padrões sofrem mudanças significativas. No grupo masculino do G2, a Região Inferior assume o topo com 32%, Região Superior

para 28%, enquanto os olhos e o cabelo somam 12% cada. Esses dados podem ser visualizados a seguir.

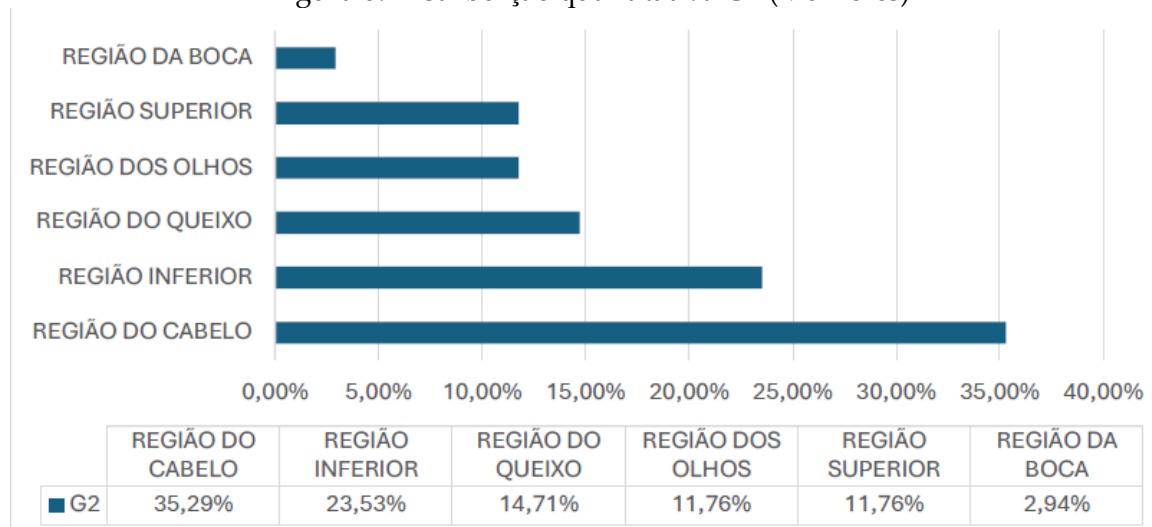
Figura 7: Distribuição quantitativa G2 (Homens)



Fonte: Elaborado pelos autores.

As mulheres do G2, por sua vez, intensificam a tendência geral: a Região do Cabelo sobe para 35,29% das ocorrências, seguida pela Região Inferior com 23,53%. A figura a seguir mostra essa distribuição quantitativa.

Figura 8: Distribuição quantitativa G2 (Mulheres)



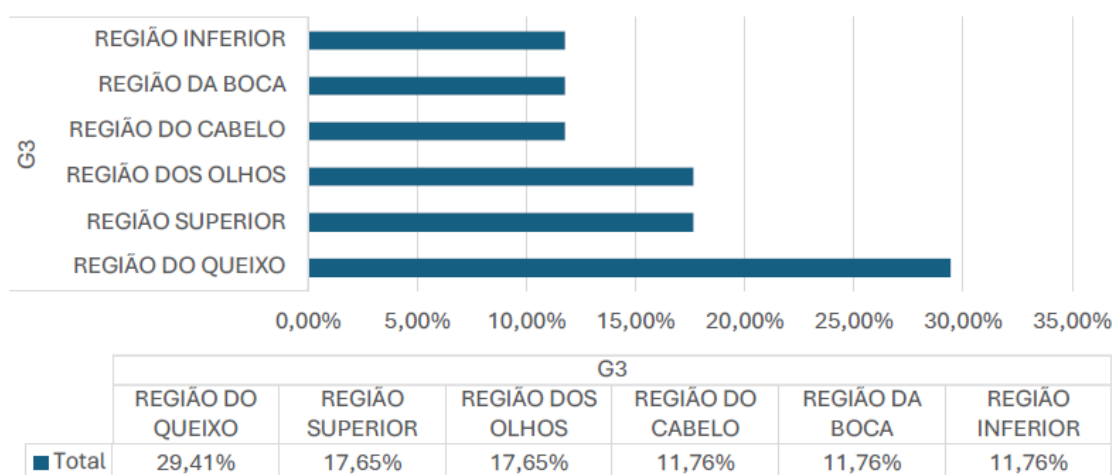
Fonte: Elaborado pelos autores.

Como propõe Prazmo (2025) ao analisar as línguas de sinais, variações importantes na preferência de regiões do corpo entre subgrupos de uma mesma comunidade costumam ligar-se a fatores geracionais ou ao perfil sociolinguístico dos informantes. O grande número de sinais na região inferior entre os homens do G2 e na região do cabelo entre as mulheres demonstram uma forte base na iconicidade física direta. O aumento expressivo da região inferior nos homens pode estar associado à valorização de marcas físicas como covinhas, formato do queixo ou barba, que são elementos da identidade visual masculina em certos contextos sociais.

6.2.3 Análise do Grupo 3 (G3)

Por fim, o Grupo 3 apresenta variações que se diferenciam dos dados gerais, mostrando a flexibilidade do sistema de sinais-nome da Libras. No G3 masculino, há uma mudança no padrão: a Região do Queixo lidera isolada com 29,41%, enquanto as regiões Superior e dos Olhos dividem o segundo lugar com 17,65%. A seguir, na figura 8, podemos visualizar essa distribuição percentual.

Figura 9: Distribuição quantitativa G3 (Homens)

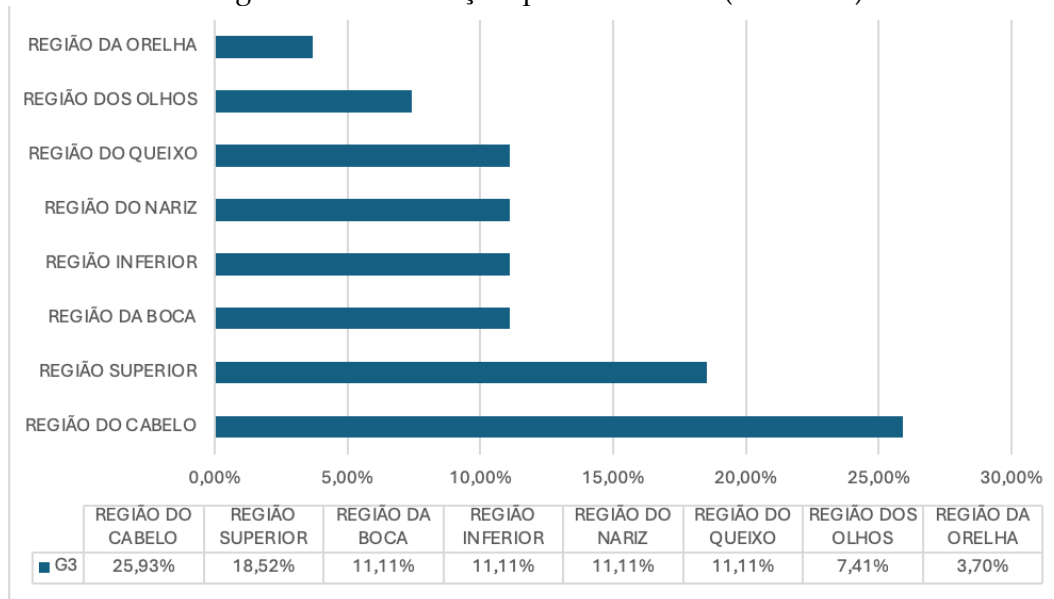


Fonte: Elaborado pelos autores.

No universo feminino do G3, o cabelo predomina, mas com índice reduzido (25,93%), observando-se uma pulverização quase idêntica de 11,11% entre quatro

zonas distintas: Região Superior, Região da Boca, Região Inferior, Região do Queixo e Região do Nariz, como podemos visualizar a seguir.

Figura 10: Distribuição quantitativa G3 (Mulheres)



Fonte: Elaborado pelos autores.

O aumento expressivo da Região do Queixo no G3 masculino e a distribuição equilibrada nas mulheres indicam o que McKee e McKee (2000) classificam como transição motivacional. Quando uma comunidade surda cresce ou quando as pesquisas coletam dados de núcleos mais antigos, os sinais-nome tendem a mudar de características puramente físicas para marcas arbitrárias ou heranças baseadas no sobrenome ou sinal da família. O queixo, por ser um ponto de articulação confortável e visível na parte inferior do rosto, ganha destaque pela facilidade de produção do sinal. No caso feminino, a distribuição por várias partes do rosto (Boca, Nariz e Queixo, todos com 11,11%) mostra que a percepção visual passa a aceitar uma variedade maior de pequenos traços expressivos, onde até a orelha (3,70%) aparece de forma sutil.

6.3 Visibilidade, Referenciação e Construção Identitária

Cruzar os dados estatísticos com a teoria de Supalla (1992) confirma que a escolha do local onde o sinal é feito não acontece ao acaso, mas segue regras

fonológicas e pressões socioculturais. O "batismo" na comunidade surda é um ato de identificação puramente visual, no qual o outro é lido e traduzido em sinal a partir do impacto de sua imagem no grupo (Menezes; Sousa, 2021). Ampliando essa visão, Sousa (2022; 2024) destaca que os locais de articulação na cabeça e na face funcionam como espaços estratégicos de significação, onde a cultura surda fixa traços de identidade de maneira sistemática. Esse processo se consolida nos achados de Xavier (2025), que demonstram como a distribuição desses locais no corpo responde tanto a uma organização linguística quanto a convenções culturais que guiam o uso e a circulação dos sinais-nome na comunidade.

A tabela comparativa a seguir sintetiza as dinâmicas de centralização e dispersão observadas nas macrorregiões:

Tabela 1: Dinâmicas de centralização e dispersão

Métrica de Análise	População Masculina	População Feminina
Maior Predominância	Região Superior (22,54%) e Inferior (21,13%)	Região do Cabelo (29,67%)
Ponto de Inversão (G3)	Região do Queixo (29,41%)	Dispersão Facial Multizonal (11,11%)
Zona Residual	Região da Orelha (2,82%)	Região da Orelha (1,10%)

Fonte: Produzido a partir do Gemini (2026).

Esses contrastes confirmam o entendimento de Sousa et al. (2021) de que a criação de nomes nos povos surdos depende fundamentalmente da experiência visual compartilhada. Enquanto as pessoas ouvintes registram os nomes por meio dos sons das palavras, as pessoas surdas fixam no corpo o traço que melhor representa a identidade do sujeito naquele grupo.

Portanto, as variações de dados encontradas nos Inventários da Libras deixam claro que o corpo e o rosto funcionam como espaços linguísticos em que as culturas surdas expressam suas formas de ver, reconhecer e valorizar o outro (Barros, 2018; Cruz-Aldrete; González Muciño, 2022). O predomínio das áreas de grande visibilidade

(como a região superior, os olhos e o cabelo) comprova a natureza essencialmente visual dessa prática linguística de construção da identidade.

7. Considerações finais

Este estudo analisou a distribuição quantitativa e as motivações dos locais de articulação dos sinais-nome dos participantes (surdos e surdas) dos Inventários da Libras. Ao investigar esses espaços, buscou-se compreender as relações entre visualidade, identificação e construção identitária nas práticas culturais das comunidades surdas brasileiras.

Os resultados revelaram uma clara concentração das escolhas articulatórias na parte superior do corpo, especialmente na face e na cabeça. No grupo masculino, houve maior frequência nas regiões Superior (22,54%) e Inferior (21,13%), seguidas pela área dos Olhos (18,31%). Já no grupo feminino, a Região do Cabelo destacou-se como o principal local de criação dos sinais, concentrando quase um terço da amostra (29,67%). Embora a análise por subgrupos tenha apontado variações – como o destaque da Região do Queixo no Grupo 3 masculino (29,41%) e uma distribuição equilibrada entre as mulheres do mesmo grupo –, as áreas periféricas, como a orelha, mantiveram-se estatisticamente baixas em ambos os sexos, registrando menos de 3%.

Essa forte presença de sinais-nome na face e na cabeça justifica-se por fatores interligados. Primeiro, essas regiões reúnem as principais marcas físicas e expressivas das pessoas (como olhos, cabelo, barba e marcas de expressão). Segundo, essa é a área corporal mais focada durante a conversação em língua de sinais, pois o olhar do interlocutor se direciona prioritariamente ao rosto de quem sinaliza (Xavier; Sousa; Quadros, 2025; Xavier, 2025). Essa centralidade visual faz com que os traços faciais sejam rapidamente percebidos e associados aos indivíduos, tornando-se uma estratégia cognitiva e cultural que garante a eficiência na identificação das pessoas.

Além disso, a própria gramática das línguas de sinais (como a Libras) confere papel fundamental às expressões faciais, que desempenham funções linguísticas

essenciais. O rosto, portanto, não é apenas o suporte físico da comunicação, mas um espaço linguístico ativo de produção de significados e de afirmação de pertencimento à comunidade.

Em suma, este trabalho contribui para os estudos onomásticos em Libras ao destacar padrões de motivação visual e estratégias culturais de identificação bem definidas. Ao demonstrar o predomínio de sinais na face e na cabeça, a pesquisa amplia o entendimento sobre as relações entre corpo, visualidade e identidade. Espera-se que estes achados estimulem novas investigações sobre os sistemas de nomeação, consolidando o estudo de nomes próprios em Libras e valorizando o patrimônio linguístico e cultural surdo.

Agradecimentos

Os autores agradecem ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio concedido ao Projeto nº 301948/2022-4. O primeiro autor foi responsável pela constituição e organização dos dados analisados neste estudo, os quais são oriundos de sua dissertação de mestrado. O segundo autor, bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ-2), contribuiu para a ampliação do referencial teórico, o delineamento metodológico e o aprofundamento das análises, em consonância com os objetivos e parâmetros científicos do projeto financiado pelo CNPq. O apoio da agência foi fundamental para o desenvolvimento e a consolidação dos resultados apresentados neste trabalho.

Referências

AMARAL, E. T. R. **Nomes de pessoa**: variação, mudança e identidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2025.

AMARAL, E. T. R.; SEIDE, M. S. **Nomes Próprios de Pessoa**: Introdução à Antroponímia Brasileira. São Paulo: Blucher, 2020.

BARROS, M. E. Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais – A Motivação dos Sinais-Nomes. **RE-UNIR - Revista do Centro de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Rondônia**, Porto Velho, v. 5, n. 2, 2019. DOI: [10.47209/2594-4916.v.5.n.2.p.40-62](https://doi.org/10.47209/2594-4916.v.5.n.2.p.40-62). Acesso em: 15 de junho de 2026.

BÖRSTELL, C. Types and trends of name signs in the Swedish Sign Language community. **Sign Language Studies**, Washington, v. 18, n. 1, p. 7-38, 2017. Disponível em: https://docslib.org/doc/5840841/types-and-trends-of-name-signs-in-the-swedish-sign-language-community#google_vignette Acesso em: 10 de maio de 2026.

CARVALHINHOS, P. J. As origens dos nomes de pessoas. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 1, n. 1, 2007. DOI: <https://doi.org/10.14393/DL1-v1n1a2007-9>. Acesso em: 15 de junho de 2026.

CRUZ-ALDRETE, M.; GONZÁLEZ MUCIÑO, D. What's your sign? Personal Name Signs in Mexican Sign Language. **Onomástica desde América Latina**, [S. l.], v. 3, n. 6, p. p.235 –255, 2022. DOI: <http://doi.org/10.48075/odal.v3i6.29930>. Acesso em: 15 de maio de 2026.

DICK, M. V. P. A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

LEITE, Tarcísio. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos**. 2008. 280f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MARTINS, F. **O nome próprio**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1991.

MCKEE, R.; MCKEE, D. Name signs and identity in New Zealand Sign Language and Australian Sign Language communities. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, Oxford, v. 5, n. 2, p. 143-152, 2000. Disponível em: <https://ssl.gallaudet.edu/gupress/excerpts/BIDC.pdf> Acesso em: 10 de maio de 2026.

MENEZES, K. C. S. O. **Antroponímia em Libras: análise dos sinais-nome atribuídos a ouvintes do curso de Letras Libras, da Universidade Federal do Acre**. 2021. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras) – Centro de Educação, Letras e Artes, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2021.

NISHIO, R. et al. Elicitation Methods in the DGS (German Sign Language) Corpus Project. In: DREUW, P.; EFTHIMIOU, E.; HANKE, T.; JOHNSTON, T.; MARTÍNEZ RUIZ, G.; SCHEMBRI, A. (org.) **Corpora and Sign Language Technologies**. 4th

Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages. Paris: ELRA, 2010. p. 178–185.

PETTITA, G.; DIVELY, V.; HALLEY, M.; HOLMES, M.; NICODEMUS, B. “My name is A-on-the-cheek”: managing names and name signs in American Sign Language-English team interpretation. **Names: A Journal of Onomastics**, [S.l.], v. 66, n. 4, p. 205-218, 2018. Disponível em: <https://ans-names.pitt.edu/ans/article/view/2170/2169> Acesso em: 10 de maio de 2026.

PRAŽMO, E. Typologia znaków imiennych w polskim języku migowym na przykładzie określeń wybranych postaci z polskiej polityki. **Poradnik Językowy**, Warszawa, n. 9, p. 68-84, 2025. Disponível em: <https://doaj.org/article/81a0651e18d24fa189770915dd8da531> Acesso em: 5 de maio de 2026.

QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

QUADROS, R. M.; SILVA, J. B.; MACHADO R. N.; LUDWIG, C. R. Inventário Nacional de Libras. **Revista Fórum Linguístico**, v. 17, n. 4, p. 5457-5474, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2020.e77334>. Acesso em: 15 de junho de 2026.

QUADROS, R. M.; SILVA, J. B.; MACHADO R. N.; LUDWIG, C. R.; SOUSA, A. M. A documentação da Libras. In: QUADROS, R. M.; SILVA, J. B.; ROYER, M.; SILVA, V. **Gramática da Libras**. Rio de Janeiro: INES, 2023, p. 107-129.

RECH, G. C. **Estudo dos nomes próprios de pessoas na Libras: onomástica e Linguística Cognitiva em diálogo**. 249f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022.

SEABRA, M. C.; ISQUERDO, A. N. A Onomástica em diferentes perspectivas: resultados de pesquisas / Onomastics in different perspectives: research results. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 26, n. 3, p. 993–1000, 2018. DOI: [10.17851/2237-2083.26.3.993-1000](https://doi.org/10.17851/2237-2083.26.3.993-1000). Acesso em: 15 de junho de 2026.

SOUSA, A. M. Onomástica em Libras. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 9, p. e0905, 2023. DOI: [10.14393/Lex-v9a2023/24-5](https://doi.org/10.14393/Lex-v9a2023/24-5). Acesso em: 15 de junho de 2026.

SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. DOI: <https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2022.152>. Acesso em: 15 de junho de 2026.

SOUSA, A. M.; DARGEL, A. P. T. P. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 7–22, 2020. DOI: [10.14393/Lex5-v3n1a2017-1](https://doi.org/10.14393/Lex5-v3n1a2017-1). Acesso em: 15 de junho de 2026.

SOUSA, A. M.; MENEZES, K. C. S. O. Antroponímia em Libras: análise de sinais-nome atribuídos por surdos. **Raído**, v. 15, n. 39, p. 45–65, 2021. DOI: <https://doi.org/10.30612/raido.v15i39.15036>. Acesso em: 15 de junho de 2026.

SOUSA, A. M.; OLIVEIRA, G. C. S.; GONÇALVES-FILHO, J. S.; QUADROS, R. M. Antroponímia em Língua de Sinais: os Sinais-Nome em Florianópolis-SC, Brasil. **Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 26, p. 112-124, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2598> Acesso em: 22 maio. 2026.

SOUSA, A. M.; PRATES, M. G.; AMIM, I. B. Terminologia em Libras e comunicação científica: a criação de sinais-termo para os estudos onomásticos. **Revista Entreletras**, v. 17, n. 1, 2026. (no prelo).

SUPALLA, S. J. **The book of name signs**: naming in American Sign Language. San Diego: DawnSignPress, 1992.


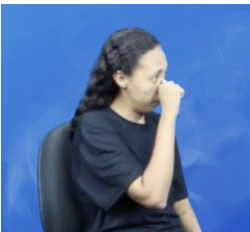

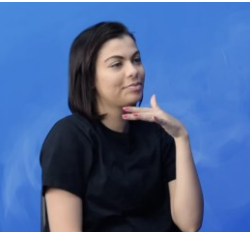
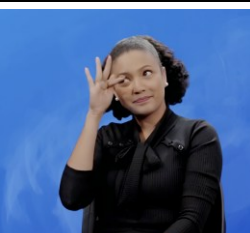
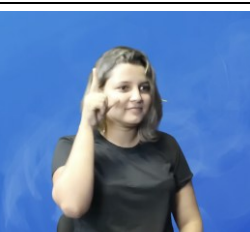
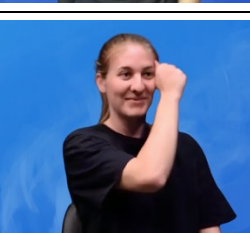
XAVIER, J. C. P.; SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M. Os sinais-nome de Surdos participantes do Inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre: análise semântico-motivacional. In: SOUSA, A. M.; BARREIROS, L. L. S.; QUADROS, R. M.; STUMPF, M. (org.) **Onomástica em Libras**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2025.



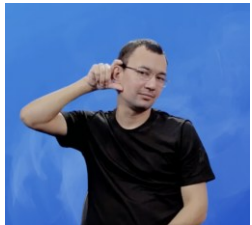


XAVIER, J. C. P. **Estrutura e mudança de sinais-nome**: um estudo com base nos Inventários de Libras. 2025. 122f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2025.

Anexo: Exemplos de Sinais-nome dos Inventários de Libras

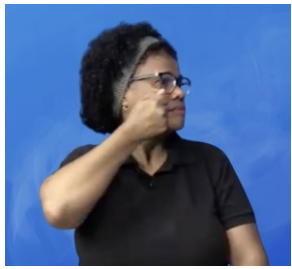

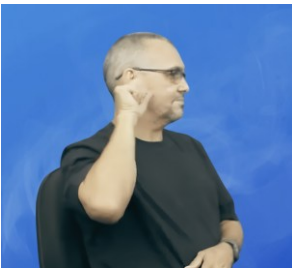


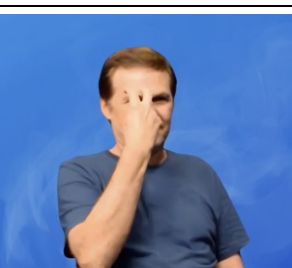
Quadro 1: Exemplos de sinais-nome

Grupo 1		
Sinais-nome de Homens		
Região do Queixo		https://youtu.be/DE_i961ih2g
Região da Orelha		https://youtu.be/uX9xVgVQ4i4
Região da Boca		https://youtu.be/sY1Oxm9At3o
Região Inferior		https://youtu.be/wIkwd2Vxf7A
Região Superior		https://youtu.be/yq-Sk3Lq2rw
Região do Cabelo		https://youtu.be/pK9lt4FKD2g




Região dos Olhos		https://youtu.be/WHOCb6eneEI
Sinais-nome de mulheres		
Região do Nariz		https://youtu.be/LYi8dDAaViv
Região da Boca		https://youtu.be/_2sIW-QcK8I
Região do Queixo		https://youtu.be/cpt2wPkMVp8
Região dos Olhos		https://youtu.be/LU89ZdL29Q8
Região Inferior		https://youtu.be/nJitNdOv1IE
Região Superior		https://youtu.be/fx-0TnWOzy4

Região do Cabelo		https://youtu.be/dNpeJjZ669Y
Grupo 2		
Sinais-nome de Homens		
Região da Boca		https://youtu.be/-OwG5jd9X7I
Região da Orelha		https://youtu.be/U1wyu-YfnA0
Região do Queixo		https://youtu.be/T_20rUdfQRs
Região do Cabelo		https://youtu.be/FX1aXhUKr6U
Região dos Olhos		https://youtu.be/pkVHkCQLHyw

Região Inferior		https://youtu.be/S0-crjU9WU
Região Superior		https://youtu.be/PSjVPSRksIQ
Sinais-nome de Mulheres		
Região da Boca		https://youtu.be/Y3Ax0M_GY-s
Região Superior		https://youtu.be/5Lq_VW8y-uw
Região dos Olhos		https://youtu.be/OGTqhEHPiHw
Região do Queixo		https://youtu.be/1r9DPpugROI

Região Inferior		https://youtu.be/n0kPvefUOXk
Região do Cabelo		https://youtu.be/6urX3NxtVaM
Grupo 3		
Sinais-nome de Homens		
Região Inferior		https://youtu.be/Z0BCFX8_gHs
Região da Boca		https://youtu.be/FxtsShFRcYM
Região do Cabelo		https://youtu.be/6bkqlCywmJs x
Região dos Olhos		https://youtu.be/LfGE5jQX5S0

Região Superior		https://youtu.be/Q92NT0ETCBA
Região Queixo		https://youtu.be/bSQ_oNjv76k
Sinais-nome das Mulheres		
Região da Orelha		https://youtu.be/k9OEKq3Lcvk
Região dos Olhos		https://youtu.be/xDMAM0z0-3Y
Região do Nariz		https://youtu.be/6om4ouN-Vag
Região do Queixo		https://youtu.be/XIZ4RVyE7aI
Região Inferior		https://youtu.be/aWbc93dxV_s

Região da Boca		https://youtu.be/FW0xv4Sj9M8
Região Superior		https://youtu.be/QW-H9RuIg0A
Região do Cabelo		https://youtu.be/zRBd2f-E4Vo

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Artigo recebido em: 22.05.2026

Artigo aprovado em: 03.06.2026